

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte A crítica
 Data 20/10/96 Pg A3
 Class. Uaimiri Atroari

489

CIDADES

Manaus, domingo, 20 de outubro de 1996

a crítica  A3

Índios querem de volta posto da Funai

Negociações entre uaimiris-atroaris e a Paranapanema já se arrastam por duas semanas. Mineradora e índios cedem em suas propostas originais

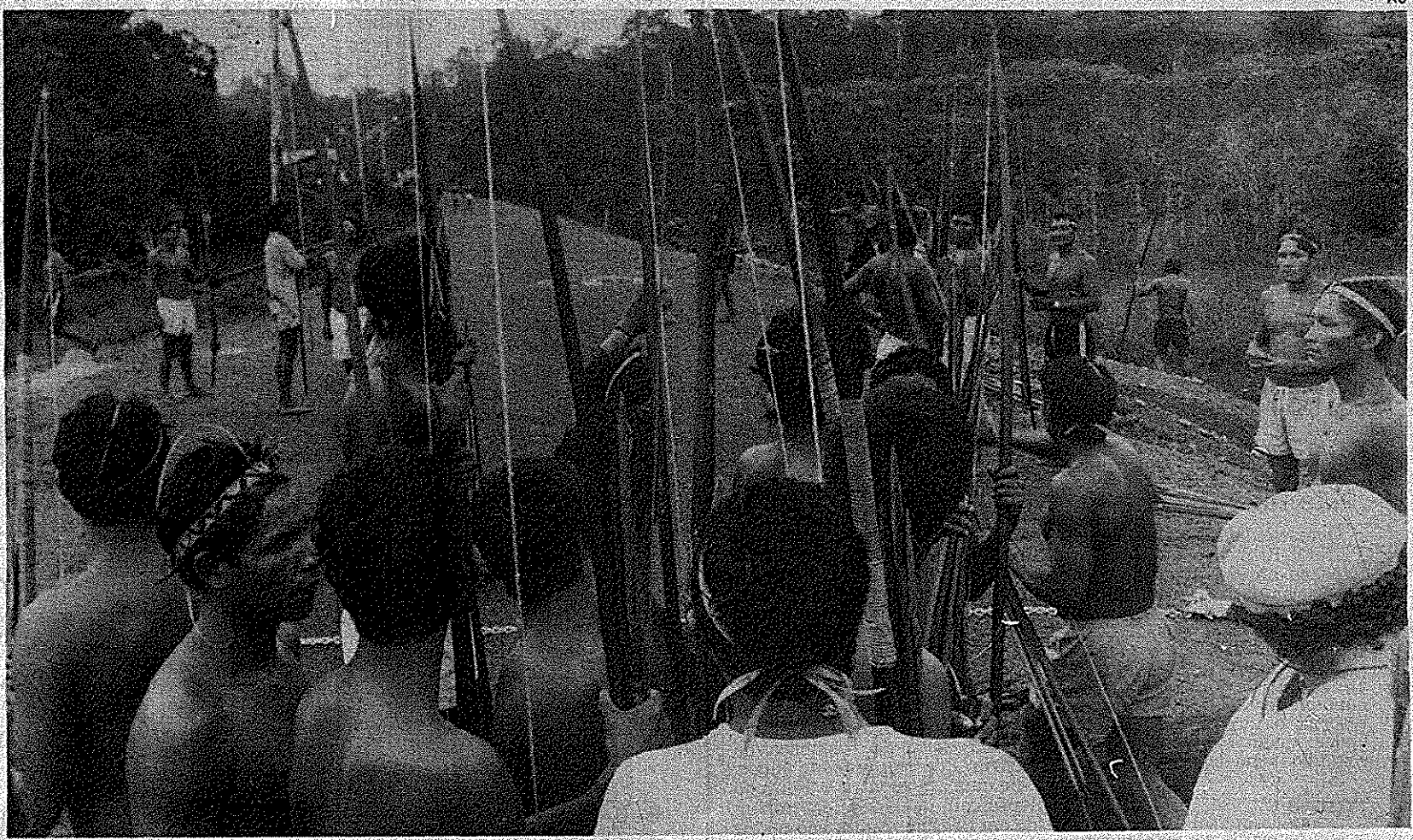
Além de exigir da empresa Paranapanema o pagamento pelo uso da estrada dentro de sua reserva, os índios Uaimiri-Atroari querem de volta o prédio onde antigamente funcionava um posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) e que agora serve de portaria para a empresa de mineração.

Durante duas semanas mais de cem índios permanecem de plantão à beira da estrada fechando o acesso para a maior mina de cassiterita do mundo, em Pitinga (a 300 km de Manaus) no município de Presidente Figueiredo. Eles iniciaram o movimento denunciando que suas terras foram cortadas por uma estrada vicinal aberta pela empresa Paranapanema, para escoar minérios até a rodovia BR-174 (Manaus-Boa Vista). Também reclamam dos impactos causados pelo constante fluxo de veículos e da poluição nos rios provocada pela mineradora.

“Os índios estão insatisfeitos, querem apressar uma solução”, comentou por telefone o gerente-geral da Mineração Taboca em Pitinga, Aroldo Garcia, após uma reunião na noite de sexta-feira com os gerentes do Programa Uaimiri-Atroari, entidade que assessora os índios. A reunião aconteceu na estrada, mas para ser realizada foi preciso atender uma condição da Paranapanema: os índios ficaram de fora da conversa. O assunto está sendo tratado com a empresa pelos dirigentes do programa indígena e um membro da Funai.

Negociações— Quando fecharam a estrada de acesso ao Pitinga, no dia seis, os Uaimiri-Atroari exigiam R\$ 78 mil da Paranapanema. Eles consideravam que esse valor representaria 0,5% da produção, ou o carregamento de um caminhão de cassiterita pago a cada 200 carros que, mensalmente, trafegam na reserva transportando o minério. A empresa rebateu os números, oferecendo 0,5% da produção, o equivalente a cerca de R\$ 24 mil mensais. Os índios rejeitaram a proposta e firmaram a posição de que ou a empresa paga ou ficará de vez sem passar pela reserva.

Na última quarta-feira, o Programa Uaimiri-Atroari apresentou uma segunda proposta reivindicando, além do equivalente a 0,5% da produção, como oferecera anteriormente a mineradora e mais um valor fixo de R\$ 40 mil por mês. Na sexta-feira o gerente-geral da Mineração Taboca apresentou como resposta o pagamento de R\$ 10 mil fixos mais os 0,5%. No final da tarde teve a resposta do Programa Uaimiri-Atroari de que os índios decidiram baixar o valor fixo mensal para R\$ 30 mil, em compensação, querem para si o posto da Funai e os 0,5% da produção de cassiterita aceito anteriormente pela Paranapanema. “Precisamos avaliar com calma, inclusive vendo aspectos jurídicos porque esse prédio está em área da empresa”, disse o gerente da Mineração Taboca.



Uaimiris-atroaris mantêm a estrada de acesso da mina de Pitinga, que corta a reserva indígena, fechada há duas semanas